

# Uma diversão civilizada – a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1872-1892)

*A civilized fun – skating in 19th century Rio de Janeiro  
(1872-1892)*

**Victor Andrade de Melo\***

---

## Resumo

Este artigo discute a presença da patinação no cenário urbano do Rio de Janeiro entre os anos de 1872 e 1892, momento em que tornaram a crescer os divertimentos públicos e em que estavam em curso importantes mudanças sociais e políticas. Trata-se de uma prática que, no contexto internacional, já era muito relacionada a noções de modernidade e na sociedade da Corte também se constituiu como um indicador da circulação de ideias de progresso e civilização.

---

## Palavras-chave

Patinação. Diversão. Modernidade.

---

## Abstract

This article discusses the presence of skating in the Rio de Janeiro city between 1872 and 1892, a moment when grew up public amusements and they were underway significant social and policies changes. This was a practice that, in the international context, was symbolically related to modernity. In the Court society, skating was an indicator of the circulation of progress and civilization ideas.

---

## Keywords

Skating. Leisure. Modernity.

---

\* Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Algumas obras publicadas: Enfrentando os desafios do mar: a natação no Rio de Janeiro do Século XIX. *Revista de História da Universidade de São Paulo*, n. 172, p. 299-334, jan.-jun.2015; Antes do *club*: as primeiras experiências esportivas na capital do império (1825-1851). *Projeto História*, n. 49, p. 1-40, abr. 2014; *A gymnastica no tempo do Império* (com Fábio Peres). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014; *Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro do século XIX* (com Andrea Marzano). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. Contato: victor.a.melo@uol.com.br

## Introdução

No Rio de Janeiro, um primeiro momento de valorização das práticas públicas de diversão e de gestação de um mercado ao redor dos entretenimentos pode ser observado na transição entre os séculos XVIII e XIX<sup>1</sup>. Um movimento ainda mais estruturado ocorreu na década de 1850, quando a potencialização dos divertimentos foi um dos desdobramentos de um conjunto de mudanças no âmbito da economia (diversificação dos meios de produção), política (maior estabilidade do Império e melhor estruturação da burocracia nacional) e cultura (mais intensa relação com parâmetros simbólicos e materiais que vinham da Europa)<sup>2</sup>.

Na segunda metade dos anos 1860, observa-se um interregno nesse processo em função de uma série de fatores: os impactos simbólicos e materiais da Guerra do Paraguai<sup>3</sup>; uma crise financeira que se delineou originalmente no cenário internacional<sup>4</sup>; as sucessivas epidemias de doenças diversas que acometeram a cidade<sup>5</sup>.

Na década de 1870, tornaram a crescer os entretenimentos públicos, na esteira de uma nova dinâmica social, marcada inclusive pela emergência de importantes coletivos políticos, entre os quais abolicionistas e republicanos. Pelos jornais, pode-se ver a intensidade das diversões nesse cenário – entre outros, havia um grande número de competições esportivas, promovidas pelos mais bem organizados clubes de remo, turfe, natação e corridas a pé; muitos eventos protagonizados por agremiações de ginástica e dança; festividades populares sempre aguardadas; constantes apresentações dramáticas e musicais realizadas em estabelecimentos diversos<sup>6</sup>.

- 
- <sup>1</sup> CAVALCANTI, Nireu. *O Rio de Janeiro setecentista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
  - <sup>2</sup> MELO, Victor Andrade de; SCHWAN, Thaina Pacheco. *Bebida, comida, diversão e arte: as fábricas de cerveja no Rio de Janeiro do século XIX (1856-1884)*. Rio de Janeiro: PPGHC, 2014.
  - <sup>3</sup> BETHELL, Leslie. O Brasil no mundo. In: CARVALHO, José Murilo de (Coord.). *História do Brasil Nação (1808-2010)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. v. 2. A construção nacional (1830-1889). p. 131-178.
  - <sup>4</sup> CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo (Coord.). *História do Brasil Nação (1808-2010)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. v. 2. A construção nacional (1830-1889). p. 83-130.
  - <sup>5</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
  - <sup>6</sup> Para mais informações sobre os entretenimentos no Rio de Janeiro do século XIX, ver: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (Org.). *Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

Nesse período, acentuou-se uma preocupação que, desde o século XVIII, se delineara em função do aumento da dinâmica pública e do número de entretenimentos: a necessidade de maior regulação do espaço urbano, a fim de garantir a ordem e disciplina, impedindo o grassar de turbas e comportamentos considerados perniciosos ao controle social. Progressivamente se estabeleceram parâmetros civilizatórios a serem observados a bem da nação.

Foi nesse contexto que desembarcou na cidade a patinação, uma diversão que se consolidara em países que já aderiam mais intensamente ao ideário e imaginário da modernidade. A modalidade sobre rodas é bem mais recente do que a sobre o gelo. Somente na segunda metade do século XVIII surgiram as primeiras experiências, protagonizadas pelo belga Joseph Merlin, que, entre os anos 1750 e 1770, desenvolveu um pioneiro modelo de patins. Muitos se interessaram por aperfeiçoar o artefato, afinal patenteado na França da década de 1820.

Os patins em rodas eram típicos artefatos da modernidade, relacionados tanto aos avanços industriais quanto aos novos costumes de uma vida pública mais ativa, marcada inclusive pela maior valorização das diversões. Conforme foram se tornando mais confortáveis e eficientes, sua difusão tirou proveito da efervescente ambiência cultural de algumas grandes cidades do século XIX, como Paris, Londres e Berlim.

Os riques se tornaram um dos novos palcos sociais marcados pela articulação das noções de consumo e espetáculo. Como sugere Jonathan Crary, era um dos “espaços de sonho’ públicos, como chamados por Benjamin<sup>7</sup>, o que abriu novas arenas de consumo visual e proporcionou a possibilidade para itinerários e encontros libidinosos antes desconhecidos”<sup>8</sup>.

É interessante perceber que, dada a sua importância e presença social, a patinação foi muito representada em diversos meios, inclusive em obras de arte, ocasiões em que se registrou a nova dinâmica pública, especialmente no que tange à participação feminina e ao encontro de indivíduos de ambos os sexos<sup>9</sup>.

No século XX, pelo menos um grande coreógrafo se dedicou ao tema, Jean Borlin, em *Skating-Rink* (1922). O balé, ao tematizar

<sup>7</sup> Vale citar que o pai de Benjamin, Emil, foi proprietário de um rink de patinação no gelo em Berlim, o qual chegou a ser frequentado pelo notório filósofo, que, aliás, em algumas oportunidades citou a prática em suas reflexões sobre a modernidade.

<sup>8</sup> CRARY, Jonathan. A visão que se desprende: Manet e o observador atento no fim do século XIX. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (Org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p. 108.

<sup>9</sup> MELO, Victor Andrade de. *Esporte, lazer e artes plásticas*. Rio de Janeiro: Apicuri: Faperj, 2009.

as novidades da modernidade, especialmente as tensões sexuais, ficou marcado pela intensidade e pelo intuito de chocar o público<sup>10</sup>. O espetáculo claramente dialogou com o filme *O rink*, de Charles Chaplin, um exemplo de que a modalidade também foi representada no cinema<sup>11</sup>. A patinação integrou, de fato, diferentes espetáculos, para além de se consolidar como uma prática esportiva múltipla, tanto de velocidade quanto de cariz artístico.

Já na segunda metade do século XIX, a patinação se espalhou por vários países de outros continentes, especialmente nos Estados Unidos, onde virou uma grande moda. Foi nesse fluxo de difusão que a modalidade chegou ao Brasil, a partir da ação de certos empreendedores sintonizados com as novidades mundiais.

Este artigo discute a presença da patinação no cenário urbano do Rio de Janeiro entre 1872 (data da primeira experiência com a modalidade na cidade) e 1892 (ano de criação de um estabelecimento muito estruturado, que contribuiu para forjar de novos sentidos e significados a prática). O intuito é lançar um olhar para a sociedade fluminense do período, especialmente no que tange à circulação de ideias de civilização e progresso no cotidiano cidadão<sup>12</sup>.

### *Uma novidade arrebatadora*

Quanto ao Rink, nem sabemos dizer verdadeiramente o que aquilo seja. É mais do que divertimento, excede ao delírio, aproxima-se da cachaça<sup>13</sup>.

No Rio de Janeiro, a primeira experiência com a patinação foi organizada em 1872. Pelos jornais, se convocou os interessados em

<sup>10</sup> Sobre o balé, ver: MELO, Victor Andrade de; LACERDA, Cláudio. Masculinidade, dança e esporte: Jeux (Nijinsky, 1913), Skating-Rink (Berlin, 1922) e Le train bleu (Nijinska, 1924). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 30, n. 3, p. 45-62, 2009.

<sup>11</sup> Para mais informações, ver: MELO, Victor Andrade de; VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte, cidade, modernidade: ironias chaplinianas. *Tempos Históricos*, Marechal Cândido Rondon, v. 20, p. 366-387, 2016.

<sup>12</sup> Este artigo é um dos resultados de um projeto sobre as práticas de entretenimento em cidades brasileiras do século XIX (subprojeto “patinação”). Sobre o tema, foram produzidos também os seguintes artigos: KARLS, Cleber Eduardo; MELO, Victor Andrade de. A modernidade sobre rodinhas: a patinação na Porto Alegre do século XIX (1878-1882). *História Unisinos*, v. 20, n. 1, p. 50-59, jan./abr. 2016; MELO, Victor Andrade de. Saudável e fashionable: a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1878-1892). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, ahead of print, 2016; SANTOS, Flavia da Cruz; MELO, Victor Andrade de. Deslizando rumo ao progresso: a patinação em São Paulo (1877-1912). *Movimento*, Porto Alegre, no prelo.

<sup>13</sup> *Revista da Sociedade Fênix Literária*, ano 1, n. 9, set. 1878, p. 216.

conhecer a modalidade para uma reunião a ser realizada no Teatro D. Pedro II, localizado na Rua da Guarda Velha, importante logradouro da região central<sup>14</sup>. O proprietário era Bartholomeu Corrêa da Silva, empresário do ramo da diversão há muitos anos.

Além do teatro, um dos mais importantes na ocasião, nessa região havia outros estabelecimentos de entretenimento, também de propriedade de Corrêa da Silva. O Circo Olympico foi um dos mais longevos e conhecidos do Rio de Janeiro. A Nova Fábrica de Cerveja Nacional, que se tornou uma das mais frequentadas da cidade ao oferecer uma programação diversificada, que ia ao encontro dos desejos de um público ávido por diversão<sup>15</sup>. A patinação seria mais uma atração a integrar o frenesi cotidiano que marcava aquele espaço da Corte.

No primeiro anúncio publicado, havia sugestão de que a patinação era uma interessante novidade, chamando a atenção dos “skaters” de que esta seria um “exercício saudável e arte encantadora, próprio para ambos os sexos, praticado nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha, como meio de cultura física e como recreio útil à saúde”<sup>16</sup>. Os promotores tentavam atrair o público ao deixar claro que a modalidade era valorizada naqueles países por, para além de ser um divertimento, ter utilidade reconhecida.

Os argumentos utilizados para atrair interessados mobilizavam claramente parâmetros civilizatórios. Seria uma diversão já reconhecida por nações desenvolvidas não só por permitir um convívio social digno, como também por contribuir com o desenvolvimento de novos hábitos saudáveis. Esse último tema estava muito em voga na ocasião, pois desde os anos 1850 se estabelecera com uma dimensão considerada fundamental para garantir o futuro do país<sup>17</sup>.

Para os promotores, outro indicador da adequação da patinação era o fato de poder ser praticada por ambos os sexos. Para garantir esse acesso ampliado, chegaram a reservar duas horas por dia exclusivamente para o público feminino que desejasse aprender a modalidade, garantindo “a maior ordem e moralidade”<sup>18</sup>. Assim, iam ao encontro de uma ocorrência da sociedade fluminense: a partir de meados do século XIX, as mulheres começaram a conquistar mais espaços e aumentar seu protagonismo

<sup>14</sup> *Correio do Brasil*, 29 ago. 1872, p. 4.

<sup>15</sup> Sobre a fábrica, ver: MELO, Victor Andrade de; SCHWAN, Thaina Pacheco. *Bebida, comida, diversão e arte: as fábricas de cerveja no Rio de Janeiro do século XIX (1856-1884)*. Rio de Janeiro: PPGHC, 2014.

<sup>16</sup> *Correio do Brasil*, 29 ago. 1872, p. 4.

<sup>17</sup> CHALHOUB, op. cit.

<sup>18</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, 25 ago. 1872, p. 4.

na cena pública<sup>19</sup>. O âmbito do entretenimento, especialmente as iniciativas esportivas, foi um importante fórum no qual se manifestaram tais mudanças<sup>20</sup>.

Atrair interessados era uma necessidade fulcral para garantir a viabilidade do negócio. Para tal, era necessário esclarecer do que se tratava a patinação. Como disse o empresário e principal responsável por essa primeira iniciativa, João Kelsey<sup>21</sup>, era fundamental “adestrar” o público. Uma estratégia adotada foi fazer referências à modalidade no gelo, que tampouco era muito conhecida na cidade. Outra foi apresentar as questões técnicas da nova diversão, inclusive dos próprios patins, emprestados pela empresa aos frequentadores, apresentados como uma “espécie de sandálias colocadas sobre quatro rodas”<sup>22</sup>.

Em um momento no qual se começava, na sociedade fluminense, a valorizar mais as inovações tecnológicas, enfatizou-se que os patins oferecidos eram um artefato inventado e aprimorado por norte-americanos, garantindo segurança e alta performance, chegando a uma “velocidade igual à da locomotiva”<sup>23</sup>. Sugeria-se que o prazer de patinar seria mesmo maior do que o proporcionado pela dança, prática que já gozava de grande popularidade na cidade<sup>24</sup>.

A despeito desses esforços, a princípio, a novidade não atraiu muitos interessados. O fato de que a maioria não conhecia “o método de servirem-se dos patins”<sup>25</sup> acabava por ocasionar “variados incidentes burlescos”, afastando uma parte do público, ainda que também fosse um atrativo para aqueles que se divertiam com o caráter cômico dos tombos<sup>26</sup>.

<sup>19</sup> NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>20</sup> MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (século XIX-primeira década do século XX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-152, 2007.

<sup>21</sup> Não conseguimos mais informações sobre esse personagem. É possível que tivesse alguma relação com a Alemanha, pelo menos assim depreendemos pelo uso nos anúncios do termo em alemão para patinação, “schlittschuhlaufen”. Na ocasião, o Rio de Janeiro já contava com uma grande colônia de germânicos, que vieram atraídos pelas novas oportunidades de trabalho, inclusive para substituir a mão de obra escrava. SEYFERTH, Giralda. Imigração alemã no Rio de Janeiro. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 11-43.

<sup>22</sup> *Correio do Brasil*, 25 ago. 1872, p. 3.

<sup>23</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, 25 ago. 1872, p. 4.

<sup>24</sup> MELO, Victor Andrade de. Educação do corpo – bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 751-766, 2014.

<sup>25</sup> *Correio do Brasil*, 31 ago. 1872, p. 2.

<sup>26</sup> Ver *A Nação*, 31 ago. 1872, p. 2.

O cronista comendador Bor.da Silva, no satírico *O Mosquito*, registrou: “Um amigo meu, muito atirado a inglezismos, foi lá e partiu só o nariz. Mas se a felicidade protegeu o meu amigo, a outros aconteceu caírem de costas e ficarem com o amor próprio ofendido, em razão da gargalhada dos espectadores.”<sup>27</sup> Tanto quanto a dor física, incomodava muito o ridículo das quedas, ocasionadas não somente pela falta de habilidade dos praticantes, como também pela precariedade dos patins (a despeito das propagandas informarem o oposto).

De toda forma, com o decorrer do tempo, a patinação se tornou mais procurada, até mesmo em função da colaboração da imprensa, que a encarava como um sinal de progresso dos costumes sociais. Além desse incentivo, duas outras iniciativas contribuíram para atrair mais frequentadores. Uma delas foi a promoção de exposições de proezas, protagonizadas por um patinador norte-americano<sup>28</sup>, um espetáculo que encantou a muitos. A outra foi a oferta de aulas particulares, que logo se tornaram muito buscadas.

De toda forma, essa primeira experiência não teve grande duração, resumindo-se aos meses de agosto e setembro de 1872. Teve o mérito de apresentar a patinação à cidade, mas não se chegou a desenvolver o gosto pela prática. Só mesmo em 1878 surgiu uma iniciativa mais duradoura e de maior impacto.

“Patinar, patinar, patinar ou mundo sobre rodas”, assim Roberto Normanton anunciou que pretendia construir no Rio de Janeiro um rink “com os melhoramentos mais modernos”<sup>29</sup>. O engenheiro inglês, junto com o irmão Henrique, já era proprietário do Rink Imperial, instalado na cidade de São Paulo desde 1877<sup>30</sup>. Além de empresário<sup>31</sup>, o britânico se apresentava como “patinador profissional”, constantemente exibindo sua habilidade sobre patins.

Outro personagem, contudo, também tinha planos de reintroduzir a patinação na Corte, o suíço/alemão Hermann Wilhelm Glette (que adotou o nome nacionalizado de João Frederico Glette). Em ofício enviado à Câmara Municipal, em julho de 1877, solicitou licença para abrir um estabelecimento “denominado ‘Skate Rink’ ou ‘Patinção para exercício do povo’, divertimento esse muito usado nos diferentes países

<sup>27</sup> *O Mosquito*, 7 set. 1872, p. 7.

<sup>28</sup> *Diário de Notícias*, 31 ago. 1872, p. 1.

<sup>29</sup> *Gazeta de Notícias*, 19 jul. 1877, p. 4.

<sup>30</sup> SANTOS, Flavia da Cruz; MELO, Victor Andrade de. Deslizando rumo ao progresso: a patinação em São Paulo (1877-1912). *Movimento*, Porto Alegre, no prelo.

<sup>31</sup> Normanton investiu em distintos ramos comerciais, entre os quais extração de carvão, iluminação pública e exploração de linhas de bonde.

da Europa”<sup>32</sup>. A fim de demonstrar que pretendia não só obter lucros, como também supostamente contribuir para o bem da nação, ofereceu “como joia para as escolas municipais ou outro qualquer fim que a Ilma. Câmara destinar, a quantia de cinco contos de réis ficando com o direito exclusivo de exercer esse divertimento durante o prazo de dez anos”.

Gervásio Mancebo<sup>33</sup>, na condição de relator, em parecer exarado em setembro de 1877, considerando que se tratava de um divertimento já bem conhecido na Europa e útil para a cidade, sugeriu a concessão da licença, ponderando, contudo, que o valor oferecido deveria ser de dez contos de réis<sup>34</sup>. Na mesma ocasião, inferiu que a proposta de Normanton era menos favorável aos interesses municipais, indicando o seu indeferimento<sup>35</sup>.

Glette, depois de negociações, recebeu a concessão tanto da Câmara do Rio de Janeiro quanto da Câmara de Niterói. Os conflitos não se encerraram, todavia. Os privilégios do alemão foram questionados pela Companhia Locomotora, uma empresa de acionistas que investia em negócios diversos<sup>36</sup>, formada por notórios personagens da Corte, como o Barão de Mesquita, F. J. de Castro Ferraz e Angelo Eloy da Câmara<sup>37</sup>.

Vale ressaltar o número de interessados em abrir o rinquê, bem como o seu perfil, empreendedores atentos às oportunidades financeiras. Uma das envolvidas era uma companhia ligada aos novos negócios urbanos. Já citamos as atividades de Normanton. Frederico Glette também se notabilizou por sua atuação empresarial<sup>38</sup>. Essa proximidade não é ocasional. Esses personagens perceberam que havia um mercado ao redor dos entretenimentos que podia ser muito lucrativo.

Ao fim, se estabeleceu um acordo, uma sociedade. A Companhia Locomotora participou com o terreno para instalar o rinquê, localizado na Rua do Costa (atual Alexandre Mackenzie), na esquina com a Rua

<sup>32</sup> Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Notação: 42.3.20. Papéis diversos relativos a festas oficiais, diversões projetadas e festas populares. Datas-limites: 1870-1907. 21 páginas.

<sup>33</sup> Gervásio Mancebo, além de destacada carreira na Armada, foi um dos vereadores mais ativos na segunda metade do século XIX.

<sup>34</sup> Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Notação: 42.3.20. Papéis diversos relativos a festas oficiais, diversões projetadas e festas populares. Datas-limites: 1870-1907. 21 páginas.

<sup>35</sup> *Gazeta de Notícias*, 17 out. 1877, p. 2.

<sup>36</sup> Importante empresa do ramo dos negócios férreos e transportes urbanos.

<sup>37</sup> *The Anglo Brazilian Times*, 23 maio 1878, p. 7.

<sup>38</sup> Em São Paulo, ele se envolveu com o ramo imobiliário, construindo não só um importante hotel, como também ruas e casas (até hoje existe a Alameda Glette, nos Campos Elíseos). Posteriormente se tornaria também industrial. Há uma interessante matéria sobre esse personagem em *O Mequetrefe*, 10 jan. 1887, p. 2.



Larga de São Joaquim (atual Marechal Floriano), na região central da cidade<sup>39</sup>. Frederico Glette tornou-se o proprietário do rinque. Os irmãos Normanton ficaram responsáveis pela dinamização e gerência do estabelecimento.

O rinque mantinha-se na região central da cidade, mas deslocara-se para uma zona ainda mais antiga. O mais interessante é identificar que entre o local do antigo e do novo estabelecimento estava se constituindo uma área marcada por uma intensa agitação pública, um dos principais espaços de lazer do Rio de Janeiro.

Enquanto não começava a funcionar o novo estabelecimento, os jornais, já sabendo da novidade, tornaram a exaltar as benesses da patinação bem como a informar sobre sua prática em outros países. *A Ilustração Brasileira*<sup>40</sup> dedicou grande matéria ao divertimento em Berlim, apresentando, inclusive, uma bela imagem do rinque daquela cidade. Uma vez mais exaltavam-se os vínculos com o civilizado mundo europeu, argumentando-se que isso era uma prova da utilidade e da adequação da modalidade.

Em junho de 1878, se anunciou a inauguração do Skating-Rink, cerimônia que seria realizada no mês seguinte, com a presença de grande público, inclusive da família imperial. Para dar provas do seu compromisso social, a renda foi revertida para as vítimas da seca no Ceará e na Paraíba<sup>41</sup>. Em muitas outras ocasiões, no estabelecimento houve eventos beneficentes, um costume na época, que era uma forma de os proprietários dos entretenimentos demonstrarem sua vinculação com importantes causas nacionais, entre as quais, e com boa frequência, o abolicionismo<sup>42</sup>.

O estabelecimento era aberto todos os dias pela manhã e pela noite. Alguns períodos eram reservados a famílias, com o intuito de garantir a presença daqueles que se preocupavam mais com a questão da moralidade<sup>43</sup>. Nas atividades noturnas se apresentavam também os “profissionais” irmãos Normanton e uma banda de música dirigida pelo alemão Hern Koppleman<sup>44</sup>. Dois conhecidos compositores, João Pinheiro

<sup>39</sup> Ver *Gazeta de Notícias*, 2 jul. 1878, p. 1.

<sup>40</sup> Dirigida por Henrique Fleuiss, personagem importante da imprensa no século XIX, a revista claramente procurava construir um imaginário moderno para o país.

<sup>41</sup> *Cruzeiro*, 1 jul. 1878, p. 4.

<sup>42</sup> Ver MELO; PERES, op. cit.

<sup>43</sup> Ver *Gazeta de Notícias*, 27 jun. 1878, p. 4.

<sup>44</sup> Parece que, de novo, foi estabelecida grande relação com a colônia germânica do Rio de Janeiro. Logo no segundo dia de funcionamento, houve atividades em benefício da Sociedade Beneficência Alemã (*Gazeta de Notícias*, 2 jul. 1878, p. 1.). Além do maestro de do proprietário, o tesoureiro do Skating-Rink, Max Nothmann, era também alemão.

de Carvalho e A. Cardoso de Menezes, prepararam polcas denominadas *Skating-Rink* para serem tocadas nas sessões de patinação<sup>45</sup>.

O *Skating-Rink* apresentava-se mesmo como um complexo de diversões, oferecendo excelente infraestrutura: 1.000 metros quadrados de pista para a patinação<sup>46</sup>, belo jardim e restaurante com boa oferta de comidas e bebidas. Os jornais não pouparam elogios ao espaço, iluminado e organizado como esperavam aqueles que perspectivavam o progresso e a modernização da Corte. O sucesso foi imediato.

Uma das facetas mais destacadas pelos periódicos era o fato de que “senhoras, homens e crianças, tudo patinava, com a firmeza de quem nunca fez outro exercício”<sup>47</sup>. Gente de diversos estratos sociais, inclusive importantes personagens da Corte, até mesmo a família imperial, marcava presença no que se transformou em uma grande moda da cidade. Segundo o cronista da *Gazeta de Notícias*, “os elegantes já não sabem almoçar, jantar, ceiar e lanchar senão no Rink. E têm razão: comem e divertem-se pelo preço que pagam em outras partes só para uma das coisas”<sup>48</sup>.

Em outra ocasião, com ironia se sugeriu que, dado o número crescente de interessados, “em breve toda população fluminense não fará outra coisa além de patinar”<sup>49</sup>. Chegou-se a estimar, em certa ocasião, provavelmente com algum exagero, que o *Skating-Rink* recebeu 5.000 frequentadores<sup>50</sup>. O fato é que a patinação se ajustou bem a uma sociedade que ansiava por novidades, especialmente no âmbito do entretenimento, esfera que se tornou um grande palco no qual os mais distintos papéis sociais eram dramatizados em cena pública.

Em setembro de 1878, foi aprovada a transferência do contrato de concessão para Frederico Glette, que também adquiriu o terreno<sup>51</sup>. A partir de então, percebe-se uma mudança no funcionamento do estabelecimento, com a maior oferta de espetáculos de patinação. Inaugurando essa nova fase, programou-se a exibição de patinadores

<sup>45</sup> Ver *Gazeta de Notícias*, 10 ago. 1878, p. 1.

<sup>46</sup> Para que se tenha uma ideia do tamanho, o espaço contava com 50x20 metros, enquanto uma piscina olímpica seria equivalente a um quadrilátero de 50x25 metros.

<sup>47</sup> *Gazeta de Notícias*, 2 jul. 1878, p. 4.

<sup>48</sup> *Gazeta de Notícias*, 2 ago. 1878, p. 2.

<sup>49</sup> *Gazeta de Notícias*, 19 jul. 1878, p. 2.

<sup>50</sup> *O Cruzeiro*, 6 ago. 1878, p. 1.

<sup>51</sup> Glette continuou tentando obter exclusividade na concessão. Tal pedido, todavia, não chegou a ser deferido (*Diário do Rio de Janeiro*, 4 out. 1878, p. 4.). Nessa mesma época, os irmãos Normanton viram aprovada sua solicitação de abertura de um rink na Freguesia de Olaria (*Gazeta de Notícias*, 21 dez. 1878, p. 2). Não identificamos indícios de que esse estabelecimento tenha chegado a funcionar.

e ciclistas do Palais de Paris<sup>52</sup>, atração que desencadeou algumas críticas. Um frequentador, por exemplo, se dirigiu, por meio da *Gazeta de Notícias*, ao empresário: “Pois então quer o senhor mesmo deveras afugentar a bela sociedade que se reunia no Rink? Quererá converter o seu estabelecimento em Varietés, Circo ou Alcazar?”<sup>53</sup>

O que se contestava era o abandono de certos parâmetros de comportamento julgados civilizados. Incomodava aos mais críticos as posturas, tanto dos artistas quanto da plateia, que soavam como desordem e indisciplina. Essa tensão era típica dos espetáculos públicos, fazendo-se sentir em várias esferas da sociedade fluminense. Tratava-se de uma preocupação com os limites e controle da ocupação e uso do espaço urbano.

No Skating-Rink, essa polêmica se acentuou conforme foi se tornando cada vez mais notável a sua faceta de casa teatral. O estabelecimento chegou a acolher uma companhia circense, a de G. Hadwin e H. Willians. Uma das atrações mais frequentes foi um famoso palhaço da cidade, O. D. Tony (com seu ajudante, Bobé, o Maluco)<sup>54</sup>. Um detalhe importante foi a diversificação dos lugares e dos ingressos, a fim de ampliar o público pagante. Houve mesmo uma mudança de denominação: Teatro Skating-Rink<sup>55</sup>.

Se uma parte dos frequentadores reclamou da perda da característica original do Skating-Rink – deixou de ser eminentemente um espaço dedicado à prática livre da patinação –, muita gente continuou frequentando o estabelecimento. Até mesmo um setor da imprensa seguiu incentivando a iniciativa. Para Vandelk, de *O Mequetrefe*, ali se apresentava “o espetáculo mais variado e a reunião mais agradável que temos”<sup>56</sup>. A programação, aliás, procurava mesclar atividades populares, como as de caráter circense, com outras consideradas mais “refinadas”, como concertos.

Quando havia eventos musicais, todavia, o rinqe atraía menos público, o que causava apreensão em alguns cronistas. Em *O Cruzeiro*, no folhetim (“Tutti Frutti”), observou um deles: “Quando Pereira da Costa há poucos dias tocava no Rink as suas inspiradas melodias, ouviam-na cerca de 200 pessoas. Aparece lá o Rei do Fogo e o Homem Peixe e o termômetro sobe logo a 3000 espectadores!”<sup>57</sup> Trata-se de uma das ambiguidades

<sup>52</sup> *Gazeta de Notícias*, 17 set. 1878, p. 4.

<sup>53</sup> *Gazeta de Notícias*, 4 out. 1878, p. 3.

<sup>54</sup> Ver *Diário do Rio de Janeiro*, 18 out. 1878, p. 4.

<sup>55</sup> *Almanak Laemmert*, 1879, p. 540 e 1880, p. 565.

<sup>56</sup> *O Mequetrefe*, 18 out. 1878, p. 7.

<sup>57</sup> *O Cruzeiro*, 19 set. 1878, p. 1.

típicas do âmbito do entretenimento, usuais disputas simbólicas e materiais ao redor do que se perspectivava ser avanço civilizacional, o que também servia como parâmetro para considerar-se certa atividade mais ou menos adequada para ser experienciada no espaço público.

Entre críticas e elogios, sem jamais deixar de oferecer a prática da patinação, o Skating-Rink existiu até meados de 1879, quando Frederico Glette leiloou todos os pertences e no mesmo terreno abriu, já em 1880, a Fábrica de Tecidos Rink, uma das mais importantes do século XIX. Tal decisão não teve relação com os resultados financeiros do rink. O alemão era um empreendedor que vislumbrou um negócio mais lucrativo, por isso redirecionou seus investimentos.

Com a extinção do estabelecimento, seria equivocado afirmar que a patinação desapareceu do Rio de Janeiro. O gosto pela prática estava consolidado. A modalidade seguiu existindo em clubes e teatros. Todavia, durante quase uma década não houve na capital um rink, até 1887, quando se fundou, na Praia de Botafogo, o Clube Guanabareense, presidido pelo comendador e futuro barão João Antonio Mendes Totta Filho, diplomata e dirigente de importantes empresas<sup>58</sup>.

A essa altura, tal balneário já se consolidara como uma região onde residia parte significativa das elites, aqueles que abandonaram o centro para fugir de problemas com epidemias de doenças diversas, mas também porque tornara-se “moderno” morar nas redondezas do mar, expressão de um estilo de vida burguês que, no futuro, consolidaria a forte relação do Rio de Janeiro com as praias.

*Pari passu* com essa nova vocação, no bairro foram se estruturando distintas opções de entretenimento, a princípio mais restritas às elites, posteriormente também abertas ao grande público. Isso foi possível porque também foram melhorando as alternativas de transporte, melhor integrando a Zona Sul à região central da cidade.

O Clube Guanabareense foi criado em fevereiro<sup>59</sup> e o espaço de patinação, inaugurado em outubro, tornando-se rapidamente muito procurado pelos sócios<sup>60</sup>. José Telha (na verdade, José Ferreira de Souza Araújo, um dos mais renomados jornalistas de seu tempo), na coluna “Macaquinhos no Sótão”, da *Gazeta de Notícias*, na qual comentava os principais acontecimentos da cidade, resume a sensação que passou a preponderar: “Reviveu a patinação”<sup>61</sup>.

<sup>58</sup> Além da patinação, eram oferecidas aos sócios as corridas de velocípedes e a pé.

<sup>59</sup> Já em 1886, fora divulgada uma chamada para sócios (*Gazeta de Notícias*, 21 dez. 1886, p. 3).

<sup>60</sup> Ver *Diário de Notícias*, 2 out. 1887, p. 1.

<sup>61</sup> *Gazeta de Notícias*, 11 out. 1887, p. 1.

O entusiasmo do cronista tinha em conta o que considerou a retomada da efervescente experiência do velho Skating-Rink. O rinque do Clube Guanabarenses logo foi considerado um dos mais elegantes espaços da capital, frequentado pelos mais ricos e influentes personagens da cidade, destacando-se a intensa presença feminina, constantemente registrada nos jornais, especialmente os nomes das mais conhecidas damas do *high society*<sup>62</sup>.

Como se pode perceber, há regularidades na trajetória da patinação no Rio de Janeiro, certamente um sinal da força dos símbolos que mobilizava. A propósito, assim como ocorrera com o Skating-Rink, logo o rinque do Clube Guanabarenses passou a acolher apresentações diversas. Isso não ocasionou significativa redução dos períodos dedicados à prática livre. Na verdade, em função da grande afluência de público, a diretoria, a pedidos, teve que oferecer mais dias para atender aos interessados em patinar<sup>63</sup>.

Além disso, ampliou-se o rinque. Na opinião de um cronista, tornou-se ainda mais “elegante, mais mimoso e dotado de maior comodidade”<sup>64</sup>. Mesmo assim, em diversas ocasiões se registrou que não dava conta de tamanho número de interessados. “Patinópolis”, dessa maneira um jornalista passou a se referir ao bairro de Botafogo<sup>65</sup>.

Um dos principais responsáveis pela construção, gerenciamento e manutenção do rinque, Luiz Octavio Ayque Caldas, foi um dos mais importantes nomes do remo do Rio de Janeiro, protagonista de um movimento de combate às apostas e moralização desse esporte que acabou por se tornar exemplo para outras práticas.

Vale registrar que ainda não conseguimos perceber melhor a relação entre o Clube Guanabarenses e o Clube de Regatas Guanabarenses (um dos mais importantes na história do remo). Nos jornais, as referências ao segundo cessam em 1886, no momento em que começam a surgir as notícias do primeiro. Não é impossível que entre ambos haja alguma continuidade.

No caso do Clube de Regatas Guanabarenses, sabemos que a diretoria chegou a pensar em construir um rinque próprio, em 1881, proposta que não chegou a ser executada<sup>66</sup>. De toda forma, por ambos se localizarem em Botafogo, certamente houve muitos pontos em

<sup>62</sup> Ver, por exemplo, *Diário de Notícias*, 5 out. 1887, p. 1.

<sup>63</sup> *Diário de Notícias*, 16 out. 1887, p. 1.

<sup>64</sup> *Diário de Notícias*, 23 out. 1887, p. 1.

<sup>65</sup> *Diário de Notícias*, 2 nov. 1887, p. 1.

<sup>66</sup> *Gazeta de Notícias*, 23 fev. 1881, p. 3.

comum, inclusive no que tange ao perfil dos associados, dirigentes e frequentadores, bem como à dinâmica de funcionamento.

Ao contrário do Skating-Rink, desde o início aberto a todos que podiam pagar a entrada, no Guanabarensense, a princípio, apenas sócios podiam patinar. Em dezembro de 1888, todavia, houve uma mudança: passou a ser aberto ao grande público em ocasiões cada vez mais frequentes. Podia-se comprar um ingresso para assistir competições de patinação, corridas a pé, corridas de velocípedes e provas de tiro ao alvo<sup>67</sup>. Por um valor extra, era possível ainda patinar e atirar.

A partir de então, os sócios passaram a dividir seu clube com pessoas de outros estratos sociais. Logo seriam instituídas apostas para as competições. De fato, com o decorrer do tempo, a agremiação cada vez mais se assemelhou a uma casa de espetáculos. Em 1892, sua programação já era anunciada na coluna de teatros nos jornais.

Tais mudanças aborreceram muitos associados. As tensões foram similares às que ocorreram no Skating-Rink. De um lado, espetacularizar e ampliar o acesso era uma forma de garantir mais recursos para os empreendimentos, além de servir às elites como maneira de exibir publicamente sua condição, uma estratégia de *status* e distinção. De outro lado, a nova mistura social, possibilitada por uma dinâmica mais aberta, incomodava os que desejavam manter seus espaços exclusivos. A dificuldade de equacionar essas duas dimensões não poucas vezes levou ao fim algumas iniciativas.

Em 1892, surgiu um novo estabelecimento de grande importância, o Belódromo Nacional (depois Velódromo Nacional), uma sociedade anônima de caráter empresarial dirigida por Antonio J. S. Machado. Localizado na Rua do Lavradio, era mais bem estruturado do que o Guanabarensense, não surpreendendo que tenha rapidamente se destacado e se tornado um dos divertimentos mais importantes da cidade naquele *fin de siècle*. Tinha como objetivos

promover e realizar, em local apropriado, corridas a pé, de velocípedes, de patins, etc., etc., e todos os divertimentos que promovam o desenvolvimento físico da raça humana; promover e efetuar concursos de corridas, oferecendo prêmios de animação; manter pessoal habilitado para o ensino dessas diversões e bem assim toda e qualquer operação que lhe convenha<sup>68</sup>.

Além dessas experiências, a presença da patinação na cidade se fez sentir também em outras esferas. Valerá discutir um pouco mais essas expressões da valorização e importância da modalidade no Rio de Janeiro.

<sup>67</sup> *Gazeta da Tarde*, 24 dez. 1888, p. 4.

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1601107/pg-14-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-17-01-1892>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

## *Diversas esferas sociais*

Como já vimos no caso do Clube Guanabareense, a patinação não ficou restrita aos estabelecimentos específicos de natureza empresarial, como foi o caso do Skating-Rink e do Belódromo Nacional. Para além da agremiação da Praia de Botafogo, a modalidade foi oferecida em outras sociedades dos mais diferentes perfis.

Vale destacar que o associativismo era uma ocorrência marcante no Rio de Janeiro do século XIX. Vitor Fonseca<sup>69</sup> considera que os clubes desempenharam um importante papel ao oferecer oportunidades de exercício de cidadania em um cenário no qual havia muitos limites para a participação política. No caso das sociedades de imigrantes, se constituíram ainda como um espaço tanto para que se lembrasse e cultuasse algo da terra natal quanto para demonstrar afeição pela nação que os tinha acolhido.

Este foi o caso do Congresso Ginástico Português, fundado em 1874, ligado à colônia de lusitanos, criado a partir de uma divergência no Clube Ginástico Português. Para Melo e Peres<sup>70</sup>, o perfil mais popular e o caráter mais empreendedor dessa agremiação ajudam a entender o porquê de ter rapidamente introduzido divertimentos que angariavam a preferência do público.

A patinação chegou a ocupar espaço bastante pronunciado nessa agremiação, substituindo mesmo a ginástica em alguns eventos. Como o Congresso não possuía um rink, adaptava o vasto salão da sua sede na Rua do Núncio (atual Avenida Tomé de Souza), região central da cidade.

O divertimento foi pela primeira vez oferecido na agremiação em julho de 1878, assumindo-se que se tratava de uma inspiração no sucesso do Skating-Rink<sup>71</sup>. O número de eventos da modalidade se tornou maior quando a cidade ficou sem um espaço próprio de patinação, nos anos iniciais da década de 1880, observando-se também a diversificação das atividades promovidas, não somente a prática livre e seu ensino, como também a realização de corridas e a conjugação com saraus. Interessante observar que nessas ocasiões era comum a visita de outras sociedades recreativas, ocorrências sempre saudadas.

Merece também destaque a atenção dada à modalidade pelo Clube Atlético Fluminense, criado em 1885, com o intuito de “proporcionar a seus sócios, diversos divertimentos tendentes a desenvolver as forças

<sup>69</sup> FONSECA, Vitor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis: associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916*. Niterói: Muiraquitã, 2008.

<sup>70</sup> MELO; PERES, op. cit.

<sup>71</sup> *Gazeta de Notícias*, 17 jul. 1878, p. 3.

físicas, como corridas a pé e em velocípedes, exercícios elementares de ginástica, bilhares e bagatelas, exercícios de patinação, jogos atléticos, tiro ao alvo etc.”<sup>72</sup>. Nas suas sempre elogiadas instalações, localizadas na Rua Conde de Bonfim, na Tijuca, a agremiação construiu um ringue que rapidamente tornou-se uma atração.

Esses dois casos têm em comum o fato de que a atenção dedicada à patinação estava ligada à valorização da prática de atividades físicas, na mesma medida em que era encarada como um hábito moderno, um sinal do requinte dos novos tempos. Em outros casos, ainda que essas dimensões permanecessem existindo, o perfil dos clubes era muito diferente, indicando que a principal motivação era mesmo o divertimento em si.

Esse foi o caso da Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo, agremiação recreativa formada por setores médios da capital, muito conhecida por sua atuação carnavalesca e política. A patinação foi instituída em 1878. Assim como ocorrera com o Congresso Ginástico e com o Clube Atlético, houve tanto a prática livre da modalidade quanto a organização de competições<sup>73</sup>.

Há outra importante faceta da presença da patinação na sociedade fluminense que merece atenção: sua inserção em espetáculos teatrais. Não se trata de algo inusitado. Como vimos, os ringues acabaram por se transformar em estabelecimentos mistos, nos quais exibições diversas logravam grande sucesso, mesmo que por vezes cercada de polêmicas. Além disso, lembremos, as primeiras iniciativas da modalidade no Rio de Janeiro foram organizadas no Teatro D. Pedro II.

Antes mesmo da inauguração do Skating-Rink, a já citada Companhia de G. Hadwin e H. Willians apresentava, no Teatro-Circo, espetáculos nos quais a patinação era uma das atrações, protagonizados por Mlle. Rosa e W. H. Bell, bem como pelo Sr. Eduard<sup>74</sup>. Da mesma forma, entre outras, a ópera *O Profeta*, do maestro G. Meyerbeer, encenada pela Companhia Lírica Italiana de A. Ferrari, no Teatro Pedro II, contava com uma notória cena de patinação<sup>75</sup>.

Com tamanha presença social, não surpreende que tenha se gestado um mercado ao redor da patinação. Produtos ligados à modalidade passaram a circular mais comumente na cidade. Os ringues emprestavam ou alugavam os patins, mas eles também eram vendidos. Em 1887, um estabelecimento anunciou a oferta do artefato por quinze

<sup>72</sup> *Gazeta de Notícias*, 12 fev. 1885, p. 2.

<sup>73</sup> Outras sociedades “menos esportivas” que ofereceram a diversão a seus associados foram o Clube dos Excêntricos, o Clube Marcolino e o Clube dos Políticos.

<sup>74</sup> *O Globo*, 13 dez. 1877, p. 4.

<sup>75</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, 21 set. 1878, p. 4.



mil réis (o valor de quinze entradas das mais baratas para o Skating-Rink)<sup>76</sup>. Eram objetos caros, importados, acessíveis somente a uma faixa restrita da população.

Em 1885, chegou-se a conceder uma patente a Saul Severino da Silva para sua invenção denominada “patim veloz”<sup>77</sup>. O proponente já estava envolvido com o ramo do divertimento, sendo proprietário do Boat Rink, estabelecimento localizado na Vila Guarani (região de São Cristóvão), dedicado às corridas a pé e de barcos.

Silva não foi o primeiro a pensar em uma produção nacional do artefato. Em 1876, foi longamente apreciado pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional<sup>78</sup> o pedido de Jonathan Brandon para ter o privilégio de fabricar no Império “patins rodantes”. O parecer de Lopo Diniz Cordeiro e João Evangelista de Negreiros Sayão Lobato Sobrinho, dois personagens insígnies do seu tempo, é muito interessante pelo inventário que faz da introdução do produto no país<sup>79</sup>.

Os autores sugerem que os primeiros patins que surgiram no Brasil, “sem molas, tendo os quatro rodetes em linha reta”<sup>80</sup>, eram péssimos por não oferecerem boa estabilidade, dificultando a realização de manobras com eficiência e segurança. Já o segundo modelo, com rodas laterais e molas, era mais adequado, apresentando, contudo, flagrantes deficiências.

Considerando que os patins apresentados por Brandon eram de melhor qualidade, permitindo a prática da modalidade com maior segurança, e tendo em conta que a patinação poderia ser útil para que a população mais frequentemente se envolvesse com atividades físicas e cuidasse da saúde, os pareceristas recomendaram a concessão do privilégio. Não parece, contudo, que chegou a haver, no século XIX, alguma produção nacional do artefato. De toda maneira, é interessante perceber uma vez mais como se cruzavam os âmbitos do entretenimento e da economia.

Mais intensamente do que ocorreu com os patins, inclusive em função da preocupação com a elegância e com a moralidade, vulgarizou-se uma moda julgada apropriada para a prática da patinação. Até mesmo no preparo dos cabelos houve influências. Tornou-se comum, por parte dos cabeleireiros, a oferta de coques, cachos e penteados à Skating-Rink<sup>81</sup>.

<sup>76</sup> *A Estação*, 31 dez. 1881, p. 1.

<sup>77</sup> *Diário de Notícias*, 11 ago. 1885, p. 2.

<sup>78</sup> Entidade formada por industriais, comerciantes, inventores, políticos e intelectuais, atuava no sentido de desenvolver a economia brasileira.

<sup>79</sup> *O Auxiliador da Indústria Nacional*, 1876, p. 243.

<sup>80</sup> *Ibidem*.

<sup>81</sup> *Gazeta de Notícias*, 31 ago. 1878, p. 4.

Influências houve também nas vestimentas. *A Estação*, um periódico dedicado à moda, sempre atento às mudanças na sociedade fluminense e internacional, não deixou passar despercebida a novidade. Em muitas ocasiões descreveu e apresentou imagens de modelos considerados adequados aos praticantes. Em 1881, por exemplo, publicou-se uma sugestão confeccionada pelas oficinas do Boulevard (estabelecimento que se localizava na região central da cidade)<sup>82</sup>.

A maior parte dos modelos eram destinados às mulheres, só eventualmente aos homens<sup>83</sup>. Como o periódico valorizava e estava sintonizado com a moda europeia, notadamente parisiense, em geral as vestimentas eram pouco apropriadas ao calor do Rio de Janeiro. Todavia, para algumas, o afã de adotar determinados padrões civilizatórios, tendo por inspiração notável os países do Velho Continente, era maior do que prováveis desconfortos.

Não se deve pensar, obviamente, que as mulheres do Rio de Janeiro seguiram exatamente esses figurinos. De toda forma, vestimentas diversas – para a prática ou nela inspirada – se tornaram usuais no comércio. Uma loja de roupas (que não informou o nome) oferecia produtos diversos para a modalidade, a qual dizia ser uma de suas especialidades<sup>84</sup>. A Chapelaria do Globo vendia “bonés para o Rink”<sup>85</sup>, enquanto “chapéus à Skating-Rink” eram anunciados pela Ao Anjo Barateiro<sup>86</sup> e pela Chapelaria Fluminense<sup>87</sup>. Já a Cordeiro de Ouro oferecia por 35 mil réis um jaquetão à Skating-Rink<sup>88</sup>, assim como a Coroa da União e a Estrela do Brasil vendiam paletós à Rink por 16 mil réis<sup>89</sup>, produtos acessíveis somente para os mais ricos.

Com tanta movimentação, para dar conta das muitas notícias, em 1878 chegou a ser lançado um periódico totalmente dedicado à modalidade, o *Skating-Rink: Jornal Humorístico e Literário dos Patinadores*. Ainda que de vida curta, cerca de um mês com edições diárias, trata-se de mais um sinal do frenesi que havia ao redor da prática<sup>90</sup>.

<sup>82</sup> *A Estação*, 31 dez. 1881, p. 1.

<sup>83</sup> Ver *A Estação*, 31 jan. 1893, p. 12.

<sup>84</sup> *Gazeta de Notícias*, 17 jul. 1878, p. 6.

<sup>85</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, 9 ago. 1878, p. 4.

<sup>86</sup> *Gazeta de Notícias*, 20 jan. 1879, p. 3.

<sup>87</sup> *Gazeta de Notícias*, 29 ago. 1879, p. 5.

<sup>88</sup> *Gazeta de Notícias*, 3 fev. 1879, p. 6.

<sup>89</sup> *Gazeta de Notícias*, 16 mar. 1879, p. 4.

<sup>90</sup> Para mais informações, ver: <[http://www2.assis.unesp.br/cedap/catalogo\\_da\\_hemeroteca/files/assets/basic-html/page327.html](http://www2.assis.unesp.br/cedap/catalogo_da_hemeroteca/files/assets/basic-html/page327.html)>. Acesso em: 17 nov. 2014.

Na década final do século XIX, a patinação conquistara definitivamente seu espaço no Rio de Janeiro. Até mesmo empreendimentos urbanos passaram a incorporar a modalidade como uma das atrações. Foi o que ocorreu com uma proposta de reforma pública a ser implementada na Praia de Botafogo<sup>91</sup>, bem como nos anunciados intuitos da Companhia Geral de Diversões, que desejava “proporcionar à população da Capital [...] toda a sorte de diversões lícitas, pelos mais módicos preços”<sup>92</sup>. A oferta da prática ajudava a reforçar o caráter avançado das iniciativas.

A patinação e suas peculiaridades foram utilizadas até mesmo para entabular críticas e ironizar problemas diversos da administração governamental, normalmente na forma de charges. Devemos lembrar que se tratava de um momento politicamente turbulento, com intensos debates sobre o fim da escravatura e sobre o governo de Pedro II, especialmente observados depois do melhor delineamento de iniciativas republicanas o que fez crescer flagrantemente o tom das críticas à monarquia<sup>93</sup>.

Em julho de 1878, Angelo Agostini, na *Revista Ilustrada*, publicou uma imagem intitulada “Skating Rink Político do Império do Brasil”<sup>94</sup>, retratando vários conhecidos personagens da Corte usando patins e atirados no chão do rink. A legenda diz: “Nunca se viu escorregar tanto! (A propósito da inauguração dum campo de patinação no Rio, o caricaturista figura chistosamente a situação dos políticos contemporâneos)”.

Dias depois, Bordallo Pinheiro, o artista português sempre atento aos temas de seu tempo, redator e proprietário do satírico *O Besouro*, ironizou a atuação do na época ministro da Fazenda, Gaspar da Silveira Martins, que tardava a tomar uma decisão. A legenda da imagem, que representava uma sessão de patinação, dizia:

Há, porém, um patinador seguro, que S. Ex. não fará cair, apesar de suas promessas, gira-lhe em roda receando, com razão, aproximar-se-lhe, se houver o choque será S. Ex. quem cairá, e o patinador deslizará tranquilo. Coragem, D. Gaspar, cumpra a promessa, atire com ele à margem, ou deixe-se cair que cairá bem!<sup>95</sup>

Essa mobilização metafórica da patinação foi comum nas últimas décadas do século XIX. Trata-se de mais um indício de que a prática

<sup>91</sup> *O Paiz*, 27 abr. 1890, p. 1.

<sup>92</sup> *O Paiz*, 19 fev. 1891, p. 7.

<sup>93</sup> CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo de (Coord.). *História do Brasil Nação* (1808-2010). v. 2 A construção nacional (1830-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 83.

<sup>94</sup> *Revista Ilustrada*, 7 jul. 1878, p. 6.

<sup>95</sup> *O Besouro*, 13 jul. 1878, p. 1.

se instalara no cotidiano daquela sociedade fluminense tão ávida por novidades e mudanças.

### *À guisa de conclusão*

A patinação foi uma das diversões que se estabeleceu no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX, um importante momento da história brasileira, quando muitas mudanças estavam em curso e se acirravam os vínculos materiais e simbólicos com o continente europeu e com os Estados Unidos. Os rinquês foram se espalhando pelo espaço citadino, instalados em regiões que conformavam uma vocação para o entretenimento. Seu sucesso foi uma expressão do desejo de forjar determinados parâmetros civilizatórios dos quais a modalidade foi encarada como representante.

A popularização da patinação – a ampliação do número e perfil de frequentadores – era desejada e foi celebrada pelos promotores das iniciativas ligadas à modalidade, especialmente pelos empresários que construíram estabelecimentos específicos para a prática. Todavia, também desencadeou tensões diversas, expressões de ambiguidades típicas de processos de massificação. Causou incômodos a alguns setores, aos quais soava como indisciplina e desordem, maculando uma certa representação civilizacional.

Equilibrando-se entre esses dois polos, plenamente articulada com temas importantes da nação e da cidade, a patinação, um interessante indicador da circulação de ideias de progresso e civilização na sociedade da Corte, abre uma boa chave para pensar a história urbana em sua dimensão cotidiana, para além – ainda que imbricada – das grandes decisões de natureza política ou econômica.

Recebido em: 27 de novembro de 2015.

Aprovado em: 6 de abril de 2016.